

# Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo

SÉRGIO LESSA

*Cortez, 2007, 359p.*

*Adriano Nascimento\**

A implantação de novas tecnologias e novas formas de organização do processo de trabalho ocorrida no capitalismo contemporâneo deu origem a copiosa bibliografia que logo adquiriu grande relevo na agenda das ciências sociais contemporâneas. Nessa extensa bibliografia, a opinião hegemônica passou a ser aquela de que as transformações das últimas décadas levaram a uma profunda mutação na natureza da sociedade capitalista e, em conseqüência, na relação entre o proletariado e as demais classes sociais. Tornou-se assim trivialidade afirmar que passamos a viver em uma nova sociedade, uma sociedade pós-capitalista ou pós-industrial, na qual já não é mais determinante a luta de classes.

Na contra-corrente dessas tendências teóricas, a recente obra *Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo*, de Sérgio Lessa, é um dos mais contundentes e provocativos textos que se dedicam a investigar o significado das transformações econômicas e políticas ocorridas no capitalismo contemporâneo e buscam compreendê-las à luz dos conceitos desenvolvidos por Marx. Nesse intento não são os manuscritos de Marx, como os famosos *Grundrisse*, que oferecem lastro para o autor, mas, sim, *O capital*. Isso porque, na opinião de Lessa, “o abandono da prioridade exegética do Livro I de *O capital* teve sempre um mesmo

---

\* Doutorando em Ciência Política pela Unicamp.

e único resultado: a dissolução da classe operária em outras classes sociais como os assalariados ou uma amorfa classe média” (p.250).

Ancorado, portanto, na “leitura imanente” e “ortodoxa” do *opus magnum* marxiano e ainda na análise de extensa e profícua bibliografia, Lessa debate com alguns dos mais influentes autores das ciências sociais contemporâneas. No debate realizado, três enfoques ganham destaque. Esses enfoques compõem nas três partes que compõem o livro.

Na Parte I, Lessa apresenta suas críticas aos teóricos representantes do que considera o primeiro e o segundo adeus ao proletariado. A vaga do primeiro adeus ao proletariado viria na esteira de um momento histórico marcado pelas consequências teóricas e políticas das transformações nos processos de trabalho e no padrão de consumo em massa dos países imperialistas, ocorridos com a ascensão do fordismo e do Estado de Bem-estar Social (p.56). De acordo com Lessa, teóricos como Mallet, Belleville, Gurvitch, Braverman e Gorz, sempre resguardadas as diversidades em suas reflexões, se apoiavam, implícita ou explicitamente, na tese de que “o desenvolvimento tecnológico seria o momento determinante no desenvolvimento das forças produtivas e, portanto, das relações de produção e das classes sociais” (p.39). Esses autores teriam avaliado de maneira neutra as novas tecnologias, como se *per si* fossem capazes de realizar mudanças profundas na sociedade, sobretudo na relação entre as classes.

A vaga do primeiro adeus ao proletariado é seguida pelo vagalhão do segundo. Este se dá em condições históricas marcadas pela crise estrutural do capital manifestada na década de 1970, seguida pela “reestruturação produtiva”, pela substituição do Estado de Bem-estar Social pelo Estado Mínimo do neoliberalismo e pela *débâcle* do bloco soviético. Argumenta Lessa que a baixa intensidade da atividade contestatória do proletariado nos anos 1950-1960 é seguida pelo período contra-revolucionário das décadas de 1970-1980 que se estende ao início do século XXI. Trata-se de uma conjuntura que conduzirá ao menor rigor e ao maior conservadorismo dos analistas. Nas palavras de Lessa, o segundo adeus ao proletariado, capitaneado por C. Offè, M. Piore e C. Sabel, A. Schaff e J. Lojkine, terá como característica ser “mais explícito em seu conservadorismo, mais banal em sua elaboração e mais inconsistente teoricamente. Suas teorias serão mais pobres, simplórias e suas teses serão permeadas por evidentes contradições” (p.58). Tudo leva a crer que o segundo adeus não teria sido um adeus apenas ao proletariado, mas também a qualquer projeto de transformação revolucionária da sociedade. O horizonte burguês coincidiria com o horizonte da humanidade e o adeus ao proletariado não estaria longe de um adeus à revolução (p.78).

A Parte II, “Trabalho e trabalho abstrato, trabalhadores e proletariado”, é a parte de melhor êxito do texto, mas certamente também a mais polêmica e desafiadora. Da *pars destruens* inicial, voltada para infirmar as teses dos *adeuses*, o texto avança para sua *pars construens*, cujo propósito é refletir sobre os conceitos de trabalho e trabalho abstrato, proletariado e assalariados, trabalho produtivo e improdutivo, trabalho manual e trabalho intelectual, sempre com aporte em *O capital*.

Para Lessa, em *O capital* estaria presente a distinção entre trabalho, como “eterna condição da existência humana” (Marx), ou seja, trabalho como conversão da natureza nos bens indispensáveis à reprodução da sociedade, e trabalho abstrato, isto é, trabalho em sua forma especificamente capitalista, responsável pela função de produzir mais-valia. Após estabelecer essa distinção, o autor considera que não se pode supor que todo trabalho abstrato seja produtor do “conteúdo material da riqueza social”. Evitar esse equívoco seria importante para demarcar as fronteiras entre o proletariado e os demais trabalhadores assalariados.

Lessa encara também como fundamental para a definição de proletariado a caracterização de trabalho produtivo e a delimitação das formas em que este se apresenta. Segundo ele, Marx define o trabalho produtivo como a forma de trabalho caracterizada pela função de valorizar o capital (p.153). No entanto, se não seria equivocado dizer que o trabalhador produtivo é aquele que produz mais-valia, o mesmo não seria verdadeiro para a afirmação de que todo trabalhador produtivo é proletário. Isso porque enquanto os demais trabalhadores produtivos não proletários cumprem apenas uma única função, aquela de servir a “autovalorização do capital”, o proletariado teria como *differentia specifica* o fato de cumprir uma dupla função: *produzir* e *valorizar* o capital (p.168).

O trabalhador que Lessa tem em conta como proletário é tão-somente aquele membro do trabalhador coletivo cuja função é operar o intercâmbio com a natureza e como consequência servir como base para a formação do “capital social total” (p.171). Marx, segundo compreende o autor, tornou evidente que a produção de mais-valia não pode se dissociar da produção do “conteúdo material da riqueza social”. Os trabalhadores assalariados que transformam a natureza com seu *trabalho manual* são a classe social com a função de reprodução do capital e, por extensão, da vida social burguesa. Lessa rejeita, portanto, a idéia de que os indivíduos que exercem trabalho intelectual façam parte do proletariado.

Por fim, a Parte III é voltada à demonstração da “atualidade do pensamento de Marx”. O autor testa sua leitura imanente da obra de Marx mediante o cotejamento com trabalhos empíricos que cuidaram das transformações contemporâneas.

De sua incursão pelos trabalhos empíricos emerge a convicção de que as “novas formas de trabalho” e as “novas formas de gerência” são “expressões particulares do velho trabalho abstrato” que não alteraram as relações de produção capitalistas, tampouco abalaram a propriedade privada burguesa. O proletariado mantém-se assim como “a única classe com potencial para cumprir a função histórica de sujeito da superação da ordem burguesa” (p.313).

A negação de uma noção ampliada de classe trabalhadora e a recusa de qualquer outro protagonista que não o proletariado – trabalhador manual da cidade e do campo – para o projeto comunista reacendem controvérsias e estimulam polêmicas. Não resta dúvida, portanto, de que esta obra é uma rigorosa e notável contribuição para o debate sobre a centralidade ontológica do trabalho e sobre a centralidade revolucionária do proletariado na sociedade capitalista.



NASCIMENTO, Adriano. Resenha de: LESSA, Sérgio. Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo. Cortez, 2007, 359p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.28, 2009, p.163-165.

***Palavras-chave:*** Trabalho; Proletariado; Capitalismo contemporâneo.